

Ca-co-cu

Por Caroline Costa

Ca-co-cu.

Ca-co-cu.

Ca-co-cu.

Ca-co-cu.

Ca-co-cu.

Eu devia ter cinco anos. Ca-co-cu foram as primeiras sílabas que aprendi a ler com a professora Sandra. Moça de estatura baixa, magra, cabelos pretos e ondulados. Nem bonita, nem feia. Nem chata nem simpática. Neutra, como devem ser os professores.

Lembro que demorei para aprender esse ca-co-cu. Ainda hoje lembro da folha da lição, que ia e vinha da escola, cada dia mais amassada pelas inúmeras tentativas da professora que eu aprendesse a ler. Meus coleguinhas já tinham avançado para o da-de-di-do-du, outros já estavam no fa-fe-fi-fo-fu... Mas eu, não saía do ca-co-cu.

Voltei da escola um dia, já entendendo meu atraso. Supus também que meu caso já havia sido reportado para a minha mãe. Me sentia, nem alegre, nem triste, mas pendente de alguma coisa que eu não sabia. Subo a escada do sobrado onde meus pais moravam e corro para o parquinho, lugar onde brincava quando criança. Próximo da janela, tinha um quadro negro azul do Pato Donald com todas as letras do alfabeto. Lembro de ficar de pé embaixo do quadro com a cabeça levantada olhando para as letras. A-B-C-D... E aí, num instante mágico, o ca-co-cu fez finalmente sentido.

Ca-co-cu foram as primeiras sílabas que aprendi a ler. Ca como a origem de tudo. Ca como Caroline, vim a descobrir muito depois.

